

**DA *BBC NEWS BRASIL* AO *YOUTUBE*: UM ESTUDO SOBRE INTERAÇÕES
DISCURSIVAS NO GÊNERO COMENTÁRIO *ON-LINE* EM REPORTAGEM
SOBRE OS CONCEITOS DE CARL G. JUNG**

**FROM *BBC NEWS BRASIL* TO *YOUTUBE*: A STUDY ON DISCURSIVE
INTERACTIONS IN THE ONLINE COMMENTARY GENRE IN A REPORT
ON CARL G. JUNG'S CONCEPTS**

**DE *BBC NEWS BRASIL* A *YOUTUBE*: UN ESTUDIO SOBRE LAS
INTERACCIONES DISCURSIVAS EN EL GÉNERO COMENTARIO EN
LÍNEA EN UN REPORTAJE SOBRE LOS CONCEPTOS DE CARL G. JUNG**

Samuel Filipe Guedes do Nascimento¹

Manassés Moraes Xavier²

RESUMO

Partindo de uma reportagem da *BBC News Brasil* que aborda os conceitos de personalidade do psicanalista Carl Gustav Jung, esta pesquisa analisa a troca dialógica de sujeitos que discutem a personalidade por meio de comentários *on-line*. Tendo como base a Teoria Dialógica da Linguagem proposta por Bakhtin (2010 [1920-1924], 2011 [1974], 2016 [1952-1953]), a pesquisa compreende questões de identidade e alteridade como frutos das práticas sociais que, através dos gêneros do discurso, produzem enunciados que contribuem para a resignificação dos espaços sociais. Esta transformação ocorre pela utilização das mídias digitais, uma vez que a sociedade contemporânea demanda informatividade e participação nas redes sociais. A metodologia adotada também se baseia em Volóchinov (2017 [1929]), a respeito da interação discursiva. Os resultados refletiram como as práticas de linguagem são vivenciadas por diferentes pontos de vista ou relações dialógicas, diferindo-se em termos de conteúdo enunciativo. Destaca-se ainda a interdisciplinaridade da pesquisa, que associa linguagem, conteúdo midiático e psicanálise. Com isso, evidencia-se como os ambientes digitais potencializam a construção identitária por meio da linguagem.

Palavras-chave: identidade; alteridade; interação discursiva; Carl Jung; *YouTube*.

ABSTRACT

Based on a *BBC News Brasil* report addressing the personality concepts of psychoanalyst Carl Gustav Jung, this research analyzes the dialogical exchange among subjects who discuss personality through online comments. Based on the Dialogical Theory of Language proposed by Bakhtin (2010 [1920-1924], 2011 [1974], 2016 [1952-1953]), the study understands issues of identity and alterity as fruits of social practices which, through speech genres, produce utterances that contribute to the resignification of social networks. This transformation is made possible through the use of digital media, as contemporary society demands information and

¹ Mestrando em Linguagem e Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE/UFCG), ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6208-4946>, E-mail: sawuelfilipe@gmail.com

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE/UFCG), ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2628-8183>, E-mail: manassessmxavier@yahoo.com.br

participation in social networks. The methodology also draws on Volóchinov (2017 [1929]) regarding discursive interaction. The results reflect how language practices are experienced through different points of view or dialogic relations, differing in terms of enunciative content. The interdisciplinary nature of the research is also noteworthy, as it connects language, media content and psychoanalysis. Thus, it becomes evident how digital environments enhance identity construction through language.

Keywords: identity; otherness; discursive interaction; Carl Jung; *YouTube*.

RESUMEN

Partiendo de un reportaje de *BBC News Brasil* que aborda los conceptos de personalidad del psicoanalista Carl Gustav Jung, esta investigación analiza el intercambio dialógico entre sujetos que discuten la personalidad a través de comentarios en línea. Basada en la Teoría Dialógica del Lenguaje propuesta por Bakhtin (2010 [1920-1924], 2011 [1974], 2016 [1952-1953]), la investigación comprende las cuestiones de identidad y alteridad como frutos de las prácticas sociales que, a través de géneros discursivos, producen enunciados que contribuyen a la resignificación de los espacios sociales. Esta transformación ocurre por medio del uso de medios digitales, dado que la sociedad contemporánea exige informatividad y participación en las redes sociales. La metodología adoptada también se basa en Volóchinov (2017 [1929]) en lo que se refiere a la interacción discursiva. Los resultados reflejan cómo las prácticas del lenguaje son vivenciadas desde distintos puntos de vista o relaciones dialógicas, diferenciándose en cuanto al contenido enunciativo. Cabe destacar también la interdisciplinariedad de la investigación, que articula lenguaje, contenido mediático y psicoanálisis. Así, se evidencia cómo los entornos digitales potencian la construcción identitaria a través del lenguaje.

Palabras clave: identidad; alteridad; interacción discursiva; Carl Jung; *YouTube*.

INTRODUÇÃO

Ao considerar a linguagem como prática social que transcende seus aspectos verbais e estruturais, é possível aprofundar sua compreensão a partir das relações entre identidade e alteridade. Dentre estas qualidades, compreendemos que a natureza de um indivíduo usuário da linguagem constitui-se em relação à do seu próximo, à medida em que os aspectos identitários deste mesmo indivíduo fluem na vida com maior autenticidade e autoria logo que se vinculam às práticas sociais coletivas.

O propósito deste artigo é observar como os sujeitos dialogam acerca de seus aspectos identitários no que se refere às suas próprias personalidades, uma vez que compreendem (de maneira indireta) as relações sociais que constituem o fenômeno de alteridade, e que promovem uma ligação entre o “eu” e o “outro”.

Para este estudo, selecionamos uma reportagem vinculada ao canal da *BBC News Brasil* publicada na plataforma americana de compartilhamento de vídeos *on-line*, o *YouTube*, que trata dos tipos de personalidade conceituados pelo psicanalista suíço Carl G. Jung. O objetivo é entender como os sujeitos introvertidos ou extrovertidos se

apropriam dos comentários *on-line* presentes na plataforma ao dialogarem sobre suas experiências de individuação¹. Os comentários analisados foram organizados nas categorias de ponto de vista ou de relação dialógica, de acordo com os postulados pelo Círculo de Bakhtin.

Para tornar a análise exequível, formulamos a seguinte questão-problema: de que forma se dá o processo valorativo entre sujeitos que trocam diálogos sobre experiências pessoais em comentários no *YouTube*?

De forma que a questão seja respondida, estabelecemos como objetivo geral: investigar como a linguagem é utilizada por sujeitos ao falarem de si próprios em um ambiente virtual que proporciona dialogias. E como objetivos específicos, tencionamos: a) identificar as relações pessoais de identidade e alteridade presentes nos discursos dos sujeitos em comentários *on-line* do *YouTube*; e b) analisar como os discursos expressos nos comentários manifestam-se sob a forma de pontos de vista individuais ou de relações dialógicas com outras vozes.

A reportagem selecionada para esta pesquisa adveio do canal de notícias *BBC News Brasil*², e se intitula: **Por que Carl Jung provavelmente se horrorizaria com a interpretação atual de conceitos que criou?**

A problemática levantada por essa reportagem chama a atenção dos espectadores, uma vez que discute conceitos psicanalíticos concebidos por Carl G. Jung no início do século XX, atrelando noções de identidade e personalidade ao autoconhecimento humano. Dentro do contexto das mídias digitais e contemporâneas, fatores como linguagem e interpretação tendem a se modificar na linha do tempo, uma vez em que a escolha da expressão “se horrorizaria”, presente no título da reportagem, contrasta com a expressão “com a interpretação atual”, o que gera um possível (des)entendimento diante do que a psicanálise junguiana, originalmente, buscou explicar.

Esse tipo de abordagem se direciona aos sujeitos que se encontram no ambiente digital, ao se perceberem instigados a participar de discussões em que se relacionam e se identificam mutuamente. O teor deste conteúdo, para além de uma reportagem que busca informar, acaba gerando similitudes entre indivíduos que, através da linguagem, expõem perspectivas pessoais e de mundo.

Tendo sido apresentadas as considerações iniciais, e para aprofundar os conceitos teóricos que norteiam esta pesquisa, recorremos aos estudos de Bakhtin (2010 [1920-1924], 2011 [1974], 2013 [1929], 2016 [1952-1953]), Fiorin (2011) e de Volóchinov (2017 [1929]), especialmente no que se refere à teoria da linguagem e à interação discursiva. A metodologia, por sua vez, possui como objeto de estudo a interação discursiva proposta por Volóchinov (2017 [1929]).

De modo que a pesquisa seja seccionada, encontramos as seguintes seções de fundamentação: **A mídia jornalística e a sociedade contemporânea; A realização da identidade através da alteridade e A relação dialógica e o ponto de vista.** Para o capítulo metodológico, utilizamos a abordagem da **interação discursiva**, seguida das considerações finais e referências.

De início à fundamentação, fazemos chamada à seção *A mídia jornalística e a sociedade contemporânea*. Segue nosso estudo.

A MÍDIA JORNALÍSTICA E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Com o avanço das redes sociais, a mídia jornalística, que até então se concentrava nos meios impresso e televisivo, migrou destas esferas para o campo dos *smartphones*. Essa transição transformou o acesso à informação, tornando-a mais rápida, diversificada e interativa, com amplas possibilidades de discussão. Atualmente, a sociedade contemporânea carrega a influência da forte disseminação informativa de conteúdos nas redes, o que fomenta tanto o debate quanto a produção de sentidos plurais.

A crescente demanda por informatividade impulsiona o consumo de gêneros jornalísticos na sociedade. É através da notícia, por exemplo, que um jornal revela, de forma resumida, uma novidade de interesse público em que se prevalece o relato de um acontecimento recente, vinculado a um veículo midiático. No entanto, também existem outros gêneros relevantes, como a reportagem, que se distingue pela amplitude e profundidade de abordagem.

A reportagem, assim como a notícia, reproduz fatos que demandam discussão ao investigar temas do interesse público, ao coletar diversas fontes de informação. Cabe ao repórter consultar fontes primárias de informação, entrevistar e construir uma narrativa informativa baseada em múltiplos pontos de vista. Trata-se, portanto, de um gênero que exige tratamento minucioso e impessoal, com foco na precisão dos dados.

Diferentemente da notícia, a reportagem possui maior profundidade em seu conteúdo e não se prende a acontecimentos exclusivamente recentes.

De modo geral, uma reportagem bem estruturada favorece o engajamento do público, que, por meio da linguagem, exerce discussões sobre o tema proposto, desenvolvendo opiniões e considerando outras abordagens. Nas redes sociais, a característica detalhista das reportagens se expande em um grau mais avançado, pelo fato de que muitas vezes os comentaristas incluem novos fatos e não se baseiam apenas nas próprias opiniões, mas em acontecimentos ocorridos socialmente, possibilitando um maior aprofundamento no tema em observação.

À medida em que a comunicação entre o público e o canal de notícias se torna complexa, podemos perceber que a interatividade provinda do jornalismo interativo, não se resume à mera navegação na *internet*, mas conforme pontua (Schultz, 2006, p. 03), “seu significado se encontra para além de um clique, e a interatividade pode pressupor um segmento de mensagens inter-relacionadas”. Esse tipo de jornalismo interativo enxerga o potencial de *feedback* encontrado nas relações entre as pessoas e a mídia, o que traz à tona o leque de opiniões presentes nos comentários, seguido das interações encontradas nos discursos.

Dentro deste quesito, (Schultz, 2006) discute a própria interação, em que alguns jornais a utilizam como um mero sinônimo de reação, não considerando a perspectiva interna que produziu a informação. Nesta vertente, o autor vê como essencial a plena imersão do leitor à informação, garantindo assim, a interatividade necessária. Os comentários *on-line*, por se imergirem em uma abordagem mais ampla, terminam funcionando como um prolongamento dialógico do discurso jornalístico, em que as preferências individuais refletem às dos meios de informação.

Apresentadas as considerações iniciais, passamos à próxima seção: **A realização da identidade através da alteridade.**

A REALIZAÇÃO DA IDENTIDADE ATRAVÉS DA ALTERIDADE

O primoroso diálogo de um recém-nascido é dado na interação com sua mãe, ainda que esta troca verbal seja exercida como a manifestação de uma linguagem não-

sistêmica. O choro da criança que veio à luz; as pupilas que se dilataram à primeira vez encontrando os olhos de sua progenitora; a associação do coração do rebento que se acalma ao encostar no seio de sua mãe, são formas que iniciam a elaboração de identidade.

Curiosamente, há uma palavra provinda do sânscrito *Tathātā*³, oriunda do prefixo -tat, que em português se refere à palavra “tal”. Ao tentarmos imitar os sons emitidos por bebês, tanto no Brasil como em países distintos, pronunciamos a primeira palavra que um recém-nascido diz ao conhecer o mundo. A palavra é uma simples repetição da sílaba “da”, semelhante à variante *Tathātā*, que em nosso idioma permaneceria “da da da”.

Em algumas línguas, como no inglês, temos a posição do dad, ou pai (no português), cuja pronúncia pode ser confundida com -tat. Na Índia, onde se originou o vocábulo *Tathātā*, a sílaba -tat também não se refere à posição do patriarca, mas possui em sua significação no português o equivalente à palavra “isso”, como a primeira palavra (a sagrada expressão) do recém-nascido que se refere a si próprio no entorno de todas as coisas.

Desse modo, percebemos que questões identitárias já nos acompanham desde nosso nascimento, bem naquele momento em que olhamos ao nosso redor e reconhecemos o outro, também, como parte da constituição de quem nós somos. Portanto, é necessário que haja a existência de um “eu” e de um “outro”, para que este mesmo “eu” se constitua como tal. O “eu” primeiro que vê a mãe, se identifica e em si se relaciona, entoa: “isso!”, e a partir disso se constitui como ser único perante o outro.

Minha imagem externa não pode vir a ser um elemento de minha caracterização para mim mesmo. Na categoria de eu, minha imagem externa não pode ser vivenciada como um valor que me engloba e me acaba, ela só pode ser assim vivenciada na categoria do outro [...]. O homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, do seu ativismo que vê, lembra-se, reúne e unifica, que é o único capaz de criar para ele uma personalidade externamente acabada; tal personalidade não existe se o outro não a cria. (Bakhtin, 2011 [1974], p. 33).

O outro nos constitui à medida em que se assemelha a nós, seja nos apreciando e caracterizando através de suas crenças, ou por aquilo que nós mesmos lhe dissemos, como nossa apresentação em um primeiro encontro, capaz de causar impressões boas

ou más que constituem, em uma primeira vista, a consolidação externa daquilo que somos.

De acordo com Bakhtin (2011 [1974]), nós não temos a capacidade de criar nossa imagem externa, mas apenas o outro. Nesse cenário, apresentamos o exemplo da mãe, que no primeiro evento de vida do filho atendeu ao seu choro, que criou expectativas dentro de um período anterior de nove meses, conferindo ao rebento uma identidade externa, mesmo quando ele se encontrava ainda no ventre.

As expectativas dos pais para o rebento guardavam certas esperanças, e numa profundidade psicológica orientada deles mesmos para a criança, se aguardava antes de seu nascimento o sexo feminino ou masculino; um quarto cor-de-rosa ou azul decorado com enxoval; e com muita criteriosidade e planejamento conferiu-se um nome ao bebê, que carregava uma certa história, uma narrativa, uma esperança.

Todo esse processo se revelou capaz de orientar a identidade externa do indivíduo. Adentrando em alguns aspectos da vida, à medida em que esse indivíduo é capaz de evoluir e fortalece seu reconhecimento próprio e identitário, existe a possibilidade de sua autenticidade se consolidar entre as suas atitudes. No momento de vida anterior, em que as atitudes do indivíduo necessitavam de um apego como o colo da mãe, um aplauso, uma congratulação, agora necessitam de maior responsabilidade, carregando as nuances de um ser autêntico.

Essa responsabilidade é descrita por Bakhtin (2010 [1920-1924], p. 44), na forma de um ato responsável-consciente e único, representado imaculadamente pelo pronome possessivo “meu”. Utilizamos o termo “imaculado”, para indicar a ausência de influências externas, que cede lugar à ação consciente e dão espaço ao ato singular do indivíduo. O agir com toda a vida, segundo Bakhtin (2010 [1920-1924]), é agir com toda a própria história, consigo próprio, responsabilizando-se com o outro e reconhecendo-o, também, como parte integrante de si mesmo.

Ao passo em que identificamos os papéis do eu e do outro na constituição da identidade, prosseguiremos para a próxima seção, denominada **A relação dialógica e o ponto de vista**. Segue a seção.

A RELAÇÃO DIALÓGICA E O PONTO DE VISTA

É comum, nas interações discursivas, identificarmos manifestações dialógicas que dialogam com enunciados amplamente reconhecidos pela coletividade. Em grande parte encontradas em textos argumentativos, as relações dialógicas, apesar de também refletirem posicionamentos como os pontos de vista, se comunicam exclusivamente através de enunciados que expressam a perspectiva de quem as utiliza.

Nesse sentido, uma relação dessa natureza coloca em choque um acontecimento já conhecido pela situação interativa, uma vez que, discursivamente, os enunciados estão inseridos em uma cadeia de enunciação, onde cada enunciado se mostra capaz de memorar enunciações antigas, assim como gerar enunciações futuras.

Em contextos diversos, como debates políticos, comícios, reuniões pedagógicas ou mesmo conversas em *podcasts* sobre acontecimentos recentes, deparamo-nos com relações dialógicas que contribuem para a construção e o norteamto discursivo. Apesar de se manifestarem por meio de enunciados, essas relações não se presumem em uma conclusão definitiva, uma vez que são, por natureza, inacabadas. Elas integram a cadeia de enunciação e funcionam como vetores de sentidos em constante movimento.

Para Bakhtin (2013 [1929], p.210-211), compreende-se que as relações dialógicas consistem em interações contínuas e inevitáveis entre vozes, discursos e perspectivas. Todo enunciado, no momento em que é proferido, carrega consigo ecos de outros enunciados, estabelecendo um diálogo com falas do passado, do presente e do futuro. Em sua perspectiva, as relações dialógicas podem “penetrar no âmago do enunciado”. A linguagem presente nessas cadeias de enunciação nunca se apresenta de forma isolada: ela está sempre voltada ao outro, criando um fluxo ininterrupto de significados.

O movimento dialógico presente nas práticas comunicativas evidencia uma multiplicidade de vozes que coexistem, sem que uma anule ou tome o lugar de outra. Ao contrário, essas vozes interagem e se entrelaçam, constituindo o próprio sentido da linguagem como um meio das interações discursivas. O que Fiorin (2011, p. 23) vem nos dizer ao interpretar o dialogismo, é que esse tipo de relação também se enquadra nos fenômenos da fala cotidiana, como a “modelagem do enunciado pela opinião do interlocutor imediato ou a reprodução da fala do outro com uma entonação distinta da que foi utilizada”, o que traz à tona a noção das capacidades individuais de impor intenção sobre os modos de dizer.

Outro fato preciso de ser discutido é a respeito do ponto de vista. Diferentemente das relações dialógicas, o ponto de vista não depende obrigatoriamente da construção

por meio de enunciados anteriores; trata-se de uma perspectiva pessoal, que costuma expor satisfação ou desagrado diante de determinada situação. Por exemplo, duas pessoas podem discordar a respeito de um acontecimento, manifestando pontos de vistas diferentes.

Enquanto a relação dialógica se constrói através da interlocução entre enunciações, o ponto de vista denota pareceres que geralmente se justificam por meio de recursos de linguagem, experiências e valorações. Os recursos de linguagem encontrados, assim como em algumas das relações dialógicas, também refletem as ideologias que ficam subentendidas no discurso daquele(a) que o produz.

O que é entendido pela Teoria Dialógica da Linguagem acerca destas construções, é que a opinião personificada parte da voz individual, ao carregar uma posição única no mundo, moldada pelas experiências, ideologias e contextos. A concepção do ponto de vista entende que nenhuma perspectiva é neutra ou absoluta, e cada fala se encontra impregnada de intenções e valores de quem a expressa. Esses pontos de vista são vivificados à medida em que são influenciados pelo outro, pela cultura e pela história, compondo uma rede complexa de significados em constante inter-relação.

Em nossa análise, o ponto de vista pode se expressar em um comentário por meio da seleção lexical, do tom discursivo e das referências implícitas ou explícitas associadas às experiências, crenças e valores do sujeito. O ponto de vista também se revela em relação ao contexto em que se insere, permitindo-se (ou não) dialogar com novos ideais. Nesse sentido, os pressupostos, figuras de linguagem e analogias utilizadas podem influenciar a forma de como a mensagem é transmitida.

Em suma, o que possibilitará um ponto de vista a se tornar mais instigante é a sua própria capacidade de proporcionar a reflexão do leitor, de modo que novos olhares sejam considerados e que seu produtor seja desafiado a reconsiderar o seu posicionamento diante da alteridade.

METODOLOGIA

A metodologia adotada tem por base a concepção dialógica da linguagem, onde o sentido das palavras não se vê restrito a limites fixos, mas depende das condições concretas da enunciação e do contexto social em que ocorrem. Essa abordagem nega a concepção de que o signo linguístico possui um significado autônomo, ao enfatizar que

ele é sempre produzido e interpretado dentro das relações sociais. Segundo Volóchinov (2017 [1929]), o discurso passa a ser um processo influenciado pelas tensões ideológicas e pelos posicionamentos dos usuários da língua, em que cada enunciado se traduz em uma manifestação de embates ocorridos entre forças sociais diversas.

Mais do que uma mera troca de palavras, a interação discursiva envolve axiologias, intenções e perspectivas dos sujeitos que transformam a linguagem em um campo semântico de negociações. O discurso, nessa vertente, se realiza por meio da responsividade de quem participa dos atos contextuais (a enunciação), auxiliando na construção dos sentidos e transformando a comunicação em um fenômeno essencialmente dialógico.

Conforme propõe Volóchinov (2017 [1929]), esse processo de análise se desdobra nas seguintes etapas:

1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual. (Volóchinov, 2017 [1929], p. 220).

A partir dessas diretrizes, compreendemos que as formas e os tipos prescritos por esse método variam de acordo com as condições concretas da interação. Entre estes fatores, podemos destacar tanto os diálogos do cotidiano quanto as enunciações produzidas nos ambientes sociais mediados por valores, instituições e práticas. Essas ocorrências passam a ser transformadas pelas relações sociais e pelos papéis assumidos pelos interlocutores com suas intenções comunicativas.

No que se refere às estruturas enunciativas moldadas pelos gêneros discursivos, Bakhtin (2016[1952-1953]) considera que os tipos relativamente estáveis de enunciados se desenvolvem em função das necessidades de comunicação pelas diferentes esferas da vida cotidiana em que há produção ideológica. Tais formas permitem a análise do conteúdo dito de maneira situada, uma vez em que se observa a influência das escolhas lexicais, do tom empregado e da organização do tema. Assim, compreendemos que um enunciado, em sua unicidade, não pode ser observado de maneira isolada, pois carrega aspectos provindos do gênero do discurso ao qual se insere.

Em síntese, entendemos que as formas linguísticas analisáveis são edificadas e justificadas sobre os fatores de ordem histórica, cultural e social em que se encontram,

refletindo as escolhas pessoais dos sujeitos e os contextos em que são empregadas. Essas condições se revelam decisivas para a constituição dos sentidos nos comentários selecionados para análise.

Com base nesses pressupostos, o *corpus* da pesquisa é composto por dois comentários seguidos de respostas, selecionados com base nos critérios de relevância adotados pela plataforma *YouTube*, em articulação com o número elevado de curtidas. As categorias de análise seguem os objetivos específicos do estudo, seguindo a ordem investigativa que parte do ponto de vista e da relação dialógica.

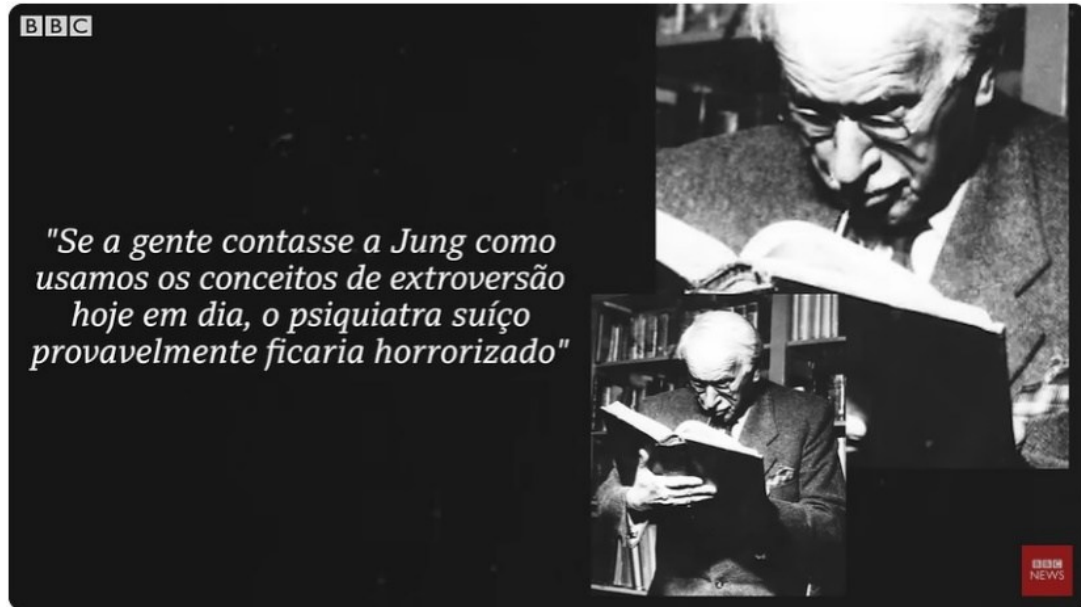
Discorrida a ordem do método, prosseguiremos para a análise. Chamamos a primeira categoria analítica, denominada **Ponto de vista encontrado em comentários *on-line***, que partirá da contextualização da reportagem selecionada.

PONTO DE VISTA ENCONTRADO EM COMENTÁRIO *ON-LINE*

A reportagem está contida no canal da *BBC News Brasil* no *YouTube*, publicada em 30 de maio de 2021, sob o título **“Por que Carl Jung provavelmente se horrorizaria com a interpretação atual de conceitos que criou?”**. Apresentada por Camilla Veras Mota, a matéria introduz o tema da seguinte maneira:

Você se definiria como uma pessoa introvertida ou extrovertida? Em outras palavras, pra você, a melhor companhia é a sua própria companhia? Ou você não aguenta um segundo sem estar com alguém, família, amigos, ou uma festinha...? Você acha que ser introvertido ou extrovertido é uma vantagem ou desvantagem? As respostas não são tão simples assim. (Falas referentes a 0min:0s)

Figura 01: Reportagem “Por que Carl Jung provavelmente se horrorizaria com a interpretação atual de conceitos que criou?”, da *BBC News Brasil*



Por que Carl Jung provavelmente se horrorizaria com a interpretação atual de conceitos que criou?

Fonte: BBC News Brasil, YouTube (2021).

O vídeo discorre acerca dos conceitos individuais de **introversão** e **extroversão** tal como formulados pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung. De acordo com sua Psicologia Analítica, a **introversão** é descrita como uma característica da personalidade que faz uma pessoa se concentrar em coisas subjetivas, buscando energia no mundo interior e preferindo ambientes menos estimulantes. Já a **extroversão** se caracteriza pelo interesse em coisas exteriores, nas quais o indivíduo se atrai por pessoas consideravelmente abertas e por ambientes estimulantes. Tais descobertas, para o indivíduo, são plenamente possíveis a partir do processo de **individação**⁴.

Para Jung, tanto os indivíduos introvertidos quanto extrovertidos podem beneficiar-se de seus aspectos mais profundos, como a **sombra**, que, se não reconhecida e conscientizada, pode influenciar significativamente o comportamento humano. Nesse contexto, a repercussão da reportagem ocasionou comentários particulares de espectadores que se identificaram com os conceitos apresentados, à medida em que associaram suas características de personalidade e trocaram relatos entre si. Como exemplo dessa interação, destacamos a Figura 02, que apresenta o comentário de Jacob Andrade⁵ e suas subsequentes respostas.

Figura 02: Comentário de Jacob Andrade seguido das respostas de Heitor Oliveira, Emanuel Rodrigues e Ítalo Martins



Fonte: *BBC News Brasil, YouTube* (2021).

O ponto de vista de Jacob Andrade nos revela um certo preconceito da ordem social frequentemente associado a posturas mais “reservadas” de indivíduos. Segundo ele, a sociedade tende a marginalizar aqueles que não se enquadram no padrão da sociabilidade dominante, confundindo comportamentos introspectivos com antissociabilidade ou desvio. Esse tipo de pensamento provindo do coletivo descarta as perspectivas interiores de pessoas como Jacob Andrade, que, afirmando-se como introvertido, reivindica respeito à sua inclinação interior, ignorada por uma coletividade que valoriza a extroversão.

Enquadramos esse comentário como ponto de vista devido ao grau de pessoalidade empregado no discurso de Jacob Andrade. Essa pessoalidade pode ser conhecida por representar uma perspectiva bastante particular, em que a linguagem mais

coletiva, advinda da problematização da reportagem, se objetivou para o modo de ver de Jacob Andrade.

O que Bakhtin (2015 [1930], p. 80) discorre acerca dos pontos de vista, é a noção de que o usuário se apropria da língua para expor uma maneira de perceber o mundo, sendo ele visto como um autor que emprega intenções em seu dizer, de maneira “superficial e personificada na linguagem”. Essa personificação pode ser encontrada pelo uso das expressões “eu sou introvertido” e “o que mais me incomoda”, que estão edificadas sobre pronomes pessoais, também fazendo-se perceber como superficial por descartar modos de ver alheios.

O elevado número de curtidas presente em seu comentário nos mostra uma identificação coletiva dos espectadores que provavelmente se assemelham ao seu modo de pensar. Vale destacar que, as ferramentas interativas das redes sociais favorecem esse tipo de engajamento entre leitores e comentaristas, o que faz refletir a aprovação ou desaprovação entre os modos de se enxergar um texto, incentivando outras pessoas a comentarem. Tais espaços digitais tornam-se arenas para a manifestação de posicionamentos, reações afetivas e trocas discursivas.

A natureza de um comentário *on-line*, potencializa a **troca dialógica** entre os sujeitos, que passam a se reconhecer mutuamente a partir de histórias comuns. Nesse processo, a capacidade interativa desse gênero facilita a troca de experiências pessoais ao permitir que os sujeitos compartilhem vivências, aprendizados e emoções em um período de tempo aproximado. No ato interativo proporcionado pelas redes sociais, os indivíduos se conectam a partir de histórias semelhantes e encontram um ambiente propício ao acolhimento e à partilha de experiências.

Essa interação discursiva apresenta-se como uma troca dialógica concreta, na qual observamos a possibilidade de os indivíduos oferecerem conselhos, receberem incentivos ou partilharem a experiência do cotidiano. O acúmulo diversificado de opiniões encontrado nos comentários, amplia a visão dos leitores sobre o tema que está em discussão, promovendo a concordância ou discordância entre os participantes.

A interação discursiva pode ser validada pelo que é dito por Xavier (2023, p.84) em que ela “se estabelece [...] sob o sabor do valor”, ao se mostrar capaz de gerar axiologias e unir laços virtuais que, por sua vez, transformam o espaço digital em um reflexo das conexões humanas da vida real fora das telas.

A resposta de Heitor Oliveira reafirma um pensamento proveniente do coletivo, em que pessoas segregam quem possui hábitos considerados “diferentes”. Em seguida,

Emanuel Rodrigues comenta que, em sua interioridade, sente certo “estranhamento” de pessoas, justamente por causa de seu tipo de personalidade aparentar, muitas vezes, um olhar introspectivo diante de situações externas. Já o comentário de Ítalo Martins retoma a perspectiva de Emanuel, em que há, de fato, um estereótipo social construído em torno das pessoas introvertidas (pensamento justificado pela repetição de comentários que associam pessoas introvertidas aos membros de igreja), o que reduz a introversão a uma castidade presumida, em vez de compreendê-la como um traço legítimo da subjetividade.

Agora que discurremos sobre esta categoria, fazemos chamada direta à análise da relação dialógica que se evidencia nos comentários.

RELAÇÃO DIALÓGICA ENCONTRADA EM COMENTÁRIO *ON-LINE*

Apresentamos, a seguir, o comentário de Miguel Alfredo, que, ao carregar em si uma relação dialógica explícita, também suscita respostas que evidenciam os diferentes posicionamentos frente ao conteúdo enunciado.

Figura 03: Comentário de Miguel Alfredo seguido das respostas de Bárbara Almeida e Daniel Martins



Fonte: *BBC News Brasil, YouTube* (2021)

No comentário em questão, Miguel Alfredo articula uma enunciação que tensiona diretamente a esfera histórica e ética do discurso: ao mencionar Adolf Hitler⁶

– político e ditador alemão, líder do partido nazista e principal instigador da eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945) e pelo Holocausto –, o comentarista o qualifica como um “bom líder”, justificando tal afirmação com base na característica de sua suposta introversão.

A enunciação articulada ao discurso se configura como uma relação dialógica porque seu enfoque se encontra como parte significante do enunciado. A partir da perspectiva de Bakhtin (2013 [1929], p.210-211), esse tipo de relação pressupõe a escuta da voz alheia (como um enunciado composto), em que há o prevalecimento de certos estilos de linguagem. A voz alheia convocada no comentário inicial traz à tona toda uma situação conflituosa em que não se lê apenas o nome da pessoa de Adolf Hitler, mas todo um conjunto situacional e violento que foi a Segunda Guerra Mundial.

É apropriado tocar no fato de que discursos como este, ocorridos nas interações digitais, produzem uma espécie de interação maldosa e se posicionam contra a coletividade e memória histórica – como o contexto da Segunda Guerra Mundial, oculto no nome de Adolf Hitler, sendo exaltado e tratado com chiste e desdém. Falas desta natureza não consideram as implicações anti-éticas nas interações digitais, que podem causar prejuízos a quem as lê.

Cabe tocar no fato de que uma legião de sujeitos valoriza esse tipo discursivo, algo a ser representado, em recorte, pelo número de curtidas presente no comentário. Qualquer conteúdo que faça apologia ao crime, à violência, à desordem, às guerras, ao genocídio e ao fanatismo político se mostra contra a vida, dignidade e sobriedade humana – conforme descrito e repudiado pelo *YouTube* em suas diretrizes de comunidade⁷.

Baseando-se nos princípios da dignidade humana descritos na Declaração Universal dos Direitos Humanos⁸, entendemos que o genocídio causado na Alemanha por responsabilidade dos nazistas não deve ser relativizado, tampouco naturalizado como parte de uma avaliação de liderança. Discursos que minimizam ou trivializam crimes contra a humanidade não merecem ser colocados em um discurso na forma de chiste, uma vez que fere os princípios da dignidade e da liberdade humana.

Dando continuidade, Bárbara Almeida responde ao comentário em tom de provável ironia, utilizando-se da expressão “belo exemplo” e risos grafados (“kk”) para criticar o posicionamento anterior, sinalizando a inadequação de tal afirmação em um espaço público como o *YouTube*. O uso do sarcasmo atua aqui como um mecanismo

discursivo de refutação, revelando o incômodo ético gerado pelo comentário de Miguel Alfredo.

Na sequência, Daniel Martins intervém reafirmando o ponto de vista inicial. O mesmo concorda com Miguel Alfredo e reitera a ideia de que o *Führer*⁹ teria sido um “grande líder”, apesar de ter “feito o que fez” – o genocídio¹⁰ de aproximadamente dois terços dos nove milhões de judeus que moravam na Europa antes da Segunda Guerra Mundial – número que não inclui outras minorias perseguidas até os dias atuais.

Nesse conjunto de enunciados, observamos uma **relação dialógica** tensa, que se mostra capaz de conchamar novos olhares, a partir do reconhecimento prévio de enunciados que fazem parte do apanhado coletivo da história, da sociedade e da cultura humana. Essa relação revela que o comentário *on-line*, enquanto gênero discursivo relativamente estável, está intrinsecamente ligado a situações sociais concretas, cumprindo finalidades específicas dentro da comunicação em situações de interação.

Reiterando o dito anteriormente, o número de curtidas no comentário de Miguel Alfredo pode indicar tanto um posicionamento favorável ao discurso anti-humanitário por parte do público leitor, quanto a escolha de não interagir com uma afirmação considerada ofensiva ou polêmica. Ainda assim, o comentário foi suficiente para instaurar uma rede dialógica, na qual o discurso inicial é tensionado, contestado e, em seguida, reforçado – mostrando que, na esfera digital, o diálogo pode emergir de pontos de fricção social e moral. Concordamos com Xavier (2023, p. 61) ao perceber que o discurso digital representa um campo produtivo para a construção de enunciados, que vai para além das estruturas sintáticas de uma língua e convoca diálogos exercidos por sujeitos historicamente situados.

Ao final desta análise, os comentários em geral se mostraram capazes de suportar tanto um ponto de vista isento de relações dialógicas, quanto uma relação dialógica que se edifica sobre um ponto de vista. Desta maneira, o que distingue um ponto de vista de uma relação dialógica não é apenas sua forma expressiva, mas **o peso enunciativo** que envolve tais perspectivas, isto é, a capacidade de convocar o outro à cena do discurso, de fazer ressoar ecos sociais, históricos e afetivos no espaço da interação verbal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, observamos como os sujeitos participantes da esfera digital são capazes de aprofundar, tensionar e ampliar os sentidos de uma reportagem, ao trazerem suas experiências e perspectivas pessoais para o espaço de circulação de

sentidos do *YouTube*. Ressaltamos, assim, a importância dessa mídia para a sociedade atual, sobretudo por possibilitar que o sujeito comum ocupe espaços de enunciação antes restritos às instâncias institucionalizadas da comunicação. Comentários *on-line* tornam-se, dessa forma, prolongamentos discursivos que refletem o conteúdo da reportagem narrada.

Para critérios de conclusão, revisitamos à questão-problema que guiou esta pesquisa: de que forma se dá o processo valorativo entre sujeitos que trocam diálogos sobre experiências pessoais em comentários no *YouTube*? Com base nessa indagação, delineamos dois objetivos específicos: a) identificar as relações pessoais de identidade e alteridade presentes nos discursos dos sujeitos em comentários *on-line* do *YouTube*; e b) analisar como os discursos expressos nos comentários manifestam-se sob a forma de pontos de vista individuais ou de relações dialógicas com outras vozes.

De acordo com o primeiro objetivo, as relações de identidade e alteridade foram observadas em comentários à medida em que os indivíduos falavam sobre si mesmos em cima do gênero comentário *on-line*, como uma forma de dialogar quanto às suas vidas pessoais em comparação às dos demais sujeitos. Percebemos, também, que à medida em que estes indivíduos atuavam sobre o discurso, cada “eu” enunciativo se edificava, e as interpretações coletivas conferiam novos sentidos sobre o tema.

Quanto ao segundo objetivo, observamos que a relação dialógica expressa nos discursos, atuava como um enunciado situado nos fatores históricos e sociais, que se utilizava da voz alheia (enunciativa) para funcionar. A respeito do ponto de vista, este se situa apenas no âmbito da valoração pessoal, mais distante do teor coletivo da linguagem e da relação dialógica pura¹¹.

Por se tratar de um estudo de caso, essa pesquisa não teve como pretensão se prolongar na análise de comentários e respostas, uma vez que consistiu em identificar a qualidade dos movimentos dialógicos ocorridos entre as valorações de sujeitos nos comentários percebidos.

Os resultados nos fazem perceber de que maneira as práticas sociais de linguagem são vivenciadas pelos indivíduos, seja através dos pontos de vista ou das relações dialógicas, que se diferem apenas em seu conteúdo enunciativo. Também observamos que o último comentário analisado trouxe consigo implicações ético-discursivas para as interações digitais, e apesar de ser uma perspectiva pessoal de certo desagrado e exaltação à violência, não exclui a necessidade da análise de seu teor

argumentativo e enunciativo. Também destacamos nosso repúdio a quaisquer práticas contra a dignidade e vida humana, conforme explicitado no teor analisado.

Ao término desta pesquisa, ressaltamos que o fator interdisciplinaridade é fundamental para se produzir conteúdo que se associe a outras áreas do saber, como os estudos de linguagem somados à psicanálise.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1920-1924].
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1974].
- BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013 [1929].
- BAKHTIN, M. M. Teoria do romance I: a estilística. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015 [1930].
- BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: 34, 2016 [1952-1953].
- FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2011.
- SCHULTZ, T. **Interactive options in online journalism: A Content Analysis of 100**. Estados Unidos: Newspapers. 2006.
- VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017 [1929].
- XAVIER, M. M. **As redes sociais digitais como acontecimentos enunciativos de interações discursivas**. São Paulo: Mentis Abertas, 2023. Disponível em: https://www.academia.edu/96183499/e-Book_As_redes_sociais_digitais_como_acontecimentos_enunciativos_de_intera%C3%A7%C3%B5es_discursivas. Acesso em 24 de jun. 2025.
- BBC News Brasil*. Por que Carl Jung provavelmente se horrorizaria com a interpretação atual de conceitos que criou?. *YouTube*. 30 de maio de 2021. 04min40s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1hMUCs8z7Ik>. Acesso em: 08 de abr. 2025.

¹ O termo “individação”, foi proposto por Carl G. Jung, ao oferecer para o indivíduo uma possibilidade de se conhecer de maneira mais ampla, acoplando aspectos ocultos de sua personalidade. Neste estudo não nos aprofundaremos neste rico conceito, mas apenas naqueles que se referem aos postulados pela Teoria Dialógica da Linguagem (TDL).

² O texto da reportagem na íntegra encontra-se disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-55638102>. Acesso em: 17 de mar. 2025.

³ Disponível em: <https://www.organism.earth/library/document/thusness>. Acesso em: 19 de mar. 2025.

⁴ Ver nota de fim número 6.

⁵ No âmbito desta pesquisa, os nomes conferidos aos comentaristas foram de natureza fictícia.

⁶ Há uma relação entre Adolf Hitler e Carl G. Jung, em que ambos tiveram contato com o conceito de *super-homem*, provindo da filosofia de Friedrich Nietzsche. Na leitura do filósofo, apenas Jung teve o entendimento sobre o que seus textos queriam dizer, resultando no que posteriormente, em sua psicologia analítica, chamou de processo de individuação. Quanto a Hitler, o que não há informações precisas se ele leu ou não o filósofo, o mesmo acabou fazendo uma má interpretação acima do que foi dito por Nietzsche, criando a ideologia nazista. Maiores informações em: https://en.wikipedia.org/wiki/Influence_and_reception_of_Friedrich_Nietzsche.

⁷ Disponível em: <https://support.google.com/youtube/answer/9288567?hl=pt-BR>. Acesso em: 24 de jun. 2025.

⁸ Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 09 de abr. 2025.

⁹ A expressão *Führer*, no alemão, significa “chefe” ou “chefa”, de acordo com o dicionário Infopedia. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/alemao-portugues/F%C3%BChrer>. Acesso em: 09 de abr. 2025.

¹⁰ As informações sobre o genocídio ocorrido no holocausto estão disponíveis em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/holocausto.htm>. Acesso em: 09 de abr. 2025.

¹¹ Utilizamos a expressão “pura” para diferir relações dialógicas plenamente consolidadas, dos pontos de vista que se edificam sobre enunciados.

Submetido em: 07/06/2025

Aceito em: 12/06/2025